

O ministro Fernando Henrique Cardoso ainda era chanceler quando, outro dia, ao falar numa reunião de economistas em São Paulo, pareceu abrir portas e janelas para mostrar um mundo maior do que se supunha existir.

Na reunião, os economistas tinham feito previsões sombrias e, naquele dia, estavam particularmente pesados. Dois deles enveredaram por uma tese perigosa: a culpa do fracasso era da política — portanto, seria necessário restabelecer o arbítrio nas decisões econômicas. A política, sustentaram, impedia um país economicamente correto.

Fernando Henrique começou por excomungar tal tese: "Sou contra o arbítrio". Mostrou, em seguida, que era contra também o derrotismo. Lembrou que o país fizera uma abertura econômica mais rápida até do que se podia avaliar, lembrou sucessos brasileiros em diversas áreas, mas não negou a existência de um nó difícil de desatar na economia: o das finanças públicas.

Até os jornalistas que se haviam deixado dominar pelo clima negativo foram admoestados: "Vocês têm que ter noção do tamanho do país", ralhou Fernando Henrique, quando um deles levantou o fantasma da aproximação do Chile com o México; e lembrou: "O Brasil exporta um Chile por ano."

Foi o contraponto que faltava naquela reunião. É antiga a tese de o Brasil ser ciclotímico por temperamento. Ora se crê destinado por fatalidade histórica ao sucesso, cego aos próprios defeitos. Ora, descarnado de virtudes, é a escória do planeta.

Estamos há tempo demais na fase de depressão. Outro dia, almocei numa grande estatal brasileira. A diretoria reunida servia-se de porções

fartas de pessimismo. Em dado momento, o presidente da empresa, para meu espanto, disse que estava com inveja do Paraguai, que acabara de eleger um presidente numa grande festa democrática.

Consciente deste desvio nacional, o novo ministro já disse que o país precisa ter mais auto-estima. Certamente é caso único de ministro da Fazenda que incluía tal idéia em sua primeira entrevista. Fernando Henrique não está sozinho nesse exercício de madura auto-análise. Há outras pessoas no país dedicadas atualmente a pôr falhas e vantagens do país em perspectiva.

O Brasil está vivendo há alguns anos mudanças estruturais importantes. Os gerais — é bom lembrar nestes tempos de revival militar — deixaram uma economia com graves vícios. Fechada, inflacionada, endividada. Ao contrário do Chile, onde no regime fechado se fez a estabilização e o saneamento, o que, convenhamos, é mais fácil. Por decreto se faz qualquer milagre econômico; o mérito está em fazê-lo na democracia.

A cabeça do brasileiro está mudando. E isso se faz pelo choque do mundo externo que nos atingiu quando começamos a derrubar o muro das tarifas e do Anexo C (o decreto das proibições de importação) que nos separava do resto do planeta. De um lado, isso põe à prova a competência gerencial das empresas e quebra nossos tolos mitos. Hoje sabemos que um videocassete coreano também dá defeito. Que a maionese argentina é amarela demais. As informações nos chegam por todos os lados. As prateleiras dos supermercados exibem apenas as mais visíveis. Isto não é pouco num país visceralmente insular.

Hoje, não é possível decretar nova reserva de mercado. Não é tolerável conceder financiamento favorecido à

exportação. Não é legítimo criar novas estatais ineficientes. Os consumidores e os contribuintes perderam a ingenuidade. Sabem onde a conta inevitavelmente chega.

Esta mudança de valores desembarcou na gerência das empresas. Os empresários passaram a falar uma língua nova onde há expressões como "terceirização", "just in time", "redução de custos". Outro dia Benedito Moreira me disse: "Precisamos esquecer Brasília." Ele que um dia já foi "Brasília", mesmo sem nunca morar lá!

As mudanças não param aí. O país começa a dar mostras de ter enfim se cansado da inflação. A Argentina chegou a esse ponto através de um processo de destruição da própria moeda. Como era mesmo o nome dela? O Brasil tem a chance de chegar à estabilidade com o seu próprio cruzeiro. "A inflação tem várias causas," diz o ministro Fernando Henrique e nisso mostra outro avanço. Os economistas passaram os últimos anos migrando de causa em causa para explicar a inflação. Aqui, a inércia. Ali, o déficit. Acolá, os oligopólios. Ou então as expectativas. As causas são todas elas e o único anti-biótico eficiente, há de ser um de amplo espectro.

O Brasil é politicamente mais plural que o México, é economicamente mais complexo que a Argentina e, ao contrário do Chile, tem que estabilizar a economia preservando a liberdade. O que nos parecem nossos defeitos são muitas vezes nossas qualidades.

A chance de agora é a de termos um comandante de política econômica com uma cabeça também plural, consciente de que o país nem está destinado ao sucesso, nem criou para si um problema tão grande que não possa resolver.